

FILOSOFIA: CRÍTICA, LOGOFILIA E MISOLOGIA

Ruy de Carvalho¹

RESUMO: Este texto pretende discutir os contornos e expressões da forma moderna que vem assumindo a misologia como aversão ao conhecimento, à crítica, ao argumento pretensamente razoável. Pretende apontar para a suspeita de que o modelo mesmo de crítica que herdamos de Nietzsche, Marx e Freud parece patinar, fazer pouco efeito a partir do final do século passado. Para isso retraza, de forma sumaríssima, algumas das significações e papéis ocupados pelas noções de crítica, logofilia e misologia na filosofia, para terminar, sem concluir, apontando para alguns impasses e problemas com uma das formas mais operantes na sociabilidade contemporânea, na qual aquelas noções, não sem estragos, desembocaram: o cinismo.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia, crítica, logofilia, misologia

ABSTRACT: This text intends to discuss the liniaments and expressions of the modern form that is assuming the misology like aversion to the knowledge, to the critic, to the allegedly reasonable argument. It intends to point to the suspicion that the very model of criticism we inherited from Nietzsche, Marx and Freud seems to be skating, to have little effect from the end of the last century. In order to do it, it most summarizes some of the meanings and roles occupied by the notions of critique, logophilia and misology in philosophy, to finish, without concluding, pointing to some impasses and problems with one of the most operative forms in contemporary sociability, in which those notions, not without damage, ended: cynicism.

KEYWORDS: philosophy, criticism, logophilia, misology

¹ Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

A cicatriz de nascimento da filosofia já a marca como, no mínimo, impulso à logofilia. Uma certa inclinação para o conhecimento ordenado, argumentado, discursivo, por assim dizer, lógico-racional tem sido considerada, fora e dentro das academias, como distintiva da filosofia. Nisso, percebemos indícios da presença de um longo esquecimento. Não costumamos encontrar importantes bibliografias que encarem a história da filosofia como genealogia da misologia, ou enquanto expressão da proteção contra os perigos desta. Aparentemente, filosofia, como logofilia, estaria mesmo nos antípodas da misologia.

Na modernidade, entretanto, vemos surgir ou ressurgir, nas preocupações hegelianas com o cinismo iluminista de Rameau, o receio de que o modo de vida cínico possa vir a ameaçar a vinculação imediata entre filosofia e desejo ou amor pelo conhecimento. Um certo ódio, ou pelo menos, indiferença às altas pretensões do conhecimento parece emergir das profundezas de um longo sonho dogmático. A logofilia parece encontrar aqui seu primeiro obstáculo, por assim dizer, auto-consciente.

Nos últimos seis, oito anos um número considerável de trabalhos, oriundos de diferentes disciplinas, com distintos interesses, objetivos e compromissos têm problematizado aquele "impulso epistemofílico" (Sandler) que, de Parmênides a Freud, percorreu a história do pensamento filosófico no Ocidente. O retorno a essa trajetória, claro, extrapola em muito os limites deste pequeno ensaio. Os(as) filósofos(as), sempre atentos(as) aos começos, têm preferido refletir sobre a gênese da filosofia dogmático-humanística, da assim chamada metafísica, em e com Sócrates, sem que as circunstâncias e a significação de sua morte sejam consideradas igualmente decisivas na transmissão de seus ensinamentos.

Este texto pretende discutir o que considero um dos pontos de chegada desta tradição, por assim dizer, inventada e vivida por Sócrates. Não farei aqui, apesar de julgar necessário, uma genealogia da filosofia como misologia. Tentarei me concentrar na apresentação dos contornos e sintomas da forma moderna, contemporânea, que vem assumindo a misologia como aversão ao conhecimento, à crítica, ao argumento pretensamente razoável.

No iluminismo, a filosofia encontra no cinismo uma fonte privilegiada de expressão de sua vocação misológica. Hegel, na *Fenomenologia*, pressente o perigo na forma de vida encarnada pelo sobrinho de Rameau, de Diderot. Pressentimento repleto de consequências. Kant, contudo, já nos havia advertido do problema, quando concebe a própria filosofia como uma nova e original forma de *crítica*. Filosofia como uma nova atitude, menos doutrina do que explicitação de ilusões e antinomias, em relação às quais o racional é não esperar por sínteses apaziguadoras, por teorias

concebidas como consolos metafísicos. Desde então, teoricamente, devemos aceitar viver as contradições sem esperança de encontrarmos soluções promotoras de algum tipo de trégua ou termo para conflitos de semelhante natureza. O sintoma desta nova demanda, em filosofia, pode ser encontrado na interpretação da problemática noção de coisa em si, como uma forma de ficção (Vaihinger, Arendt), um ponto de vista, uma perspectiva (Nietzsche). O passo seguinte, que não será jamais dado pelo assim chamado Idealismo Alemão, consistirá em demandar, em relação à frustração, no que tange ao conhecimento das coisas em si, não apenas tolerância, mas gozo. Essa pequena história é que gostaria de aqui traçar um pequeno e rápido esboço.

Crítica, desde os gregos, significa habilidade ou capacidade de separação, de operar distinções, de estabelecer juízos, de realizar seleções e, assim, poder decidir por um caminho ou articular diversas perspectivas, coordenar pontos de vista díspares. A crítica, enquanto reconhecimento de uma crise, opera um certo desvelamento, explicita o implícito, desdobra e desmascara o que estava encoberto. O principal instrumento na operação crítica é o *logos*, o discurso ordenado, equilibrado, ajustado à medida precisa, reta. A crença básica era de que existem contradições, paradoxos, antinomias, certamente, mas que não deveriam existir; que um juízo correto e coerente deve ser considerado melhor, mais perfeito, mais completo que os demais.

A morte de Sócrates, a crer na *Apologia* platônica, mostra-nos que aquele que foi considerado um mestre no entretimento de argumentos, o mais hábil conversador, o melhor dialético produzido por Atenas foi, após o devido processo legal, silenciado com a morte, suicidado. Antes disso, se crermos agora no *Fedon*, Sócrates propôs um critério altíssimo a todos(as) que pretendam ser considerados(as) filósofos(as): a morte. A maneira como se morre retroage tornando possível operar-se a crítica sobre a forma como se viveu e, assim, podemos identificar o(a) filósofo(a). Filósofo(a), como o(a) cristão(ã) depois dele, identifica-se observando sua forma de vida, mais que suas professadas teorias e/ou doutrinas. A crítica, aqui, separa e distingue desvelando um certo sentido que se expressa nas atitudes e posturas, nas atividades e relações quotidianas. Simetria impressionante, a da "carreira" socrática. O começo e o fim mantêm entre si uma impressionante coerência prática. Sócrates começa a filosofar quando sabe por um amigo, que havia estado em Delfos e, após a consulta a Apolo, teria descoberto que Sócrates seria sábio, ou o mais sábio ateniense. Este, ao saber, não se embrenhou em elucubrações abstrusas objetivando encontrar o sentido oculto pela/na/com a sentença délfica. Não, resolveu investigar em que condições Apolo poderia estar certo. Pragmaticamente, testou a veracidade do oráculo. Inventou um método para operar a crítica e selecionar candidatos (Deleuze). Ao final, apaziguado, pediu a Críton que pagasse

suas dívidas a Asclépio/Esculápio sacrificando-lhe um galo. Quão distantes estamos dessa concepção de crítica. Interpôs-se entre nós e eles, todo o cristianismo e, o que aqui nos interessa mais de perto, os iluminismos francês e alemão e, mais recentemente, as imponentes construções de Nietzsche, Marx e Freud.

O que Platão e os metafísicos construíram com o espólio socrático foi uma forma de discurso e, em alguns casos, de vida em que a crítica deve ser considerada o distintivo da filosofia que se pretende fiadora e guardiã da verdade, a ser encontrada após longa alquimia, mediante a qual dela separamos todas as impurezas, sensíveis ou não. Na verdade, alquimia não seria uma boa metáfora aqui, pois o modelo no qual a metafísica se sistematizará será sobretudo a geometria, a matemática, muito mais que a biologia. Trata-se, ali, de desvelar, descobrir, explicitar o verdadeiro que jaz, quieto e inerme no turbilhão do real. Este funciona como véu, máscara, que seria preciso transpassar quando se pretende acessar o Real. Crítica, assim, pode ser compreendida como desmascaramento. A grande maioria de nós não se sabe mascarado, tampouco que o mundo em que vivemos e operamos é, igualmente, portador de véus. Daqui, a necessidade da filosofia: realizar a crítica, desmascarando as máscaras e, assim, de certa forma curando-nos desse estranho tipo de cegueira, em que não se sabe cego. Claro, nada mais razoável que, após semelhante "operação de catarata", sacrifiquemos um galinho a Esculápio/Asclépio. A crítica visará um tipo de controle e adestramento logofílicos dos impulsos misológicos; como superação da barbárie sofística, num primeiro momento, e das barbáries cínica e cética, posteriormente; crítica como meio que a filosofia/logofilia se utilizou para civilizar a errância bárbara das caóticas pulsões interiores, expressas nos discursos sofisticos, cínicos e céticos, que trazem perigo à norma e ao mundo, flertando com a a-nomia e o i-mundo (Mattéi). Eis um esboço, uma caricatura do modelo de crítica que herdamos dos gregos e que começará a encontrar seus limites no Iluminismo, no Esclarecimento.

Kant, reconhecendo que as dificuldades encontradas pela concepção de crítica acima formulada residia menos nesta última do que naquilo que a suportava, reconfigura não apenas o modelo, mas a coisa mesma, a própria filosofia. Crítica, agora, não mais será pensada como forma de desmascaramento do verdadeiro, mas das ilusões (necessárias). Cabe à filosofia menos a formulação de teorias que descrevam, verdadeiramente, o Real, que pensar as condições teóricas que possam sustentar um uso autônomo da razão e, assim, promover atitudes emancipadas das tutelas institucionais : família, escola, igreja, Estado, etc. Crítica e filosofia teórica devem estar interessadas nos limites, na validade das formas de uso de nosso aparato cognitivo, pois somente semelhante objetivo garantiria a fidelidade e o compromisso com nossa finitude. Claro, para isso,

Kant cobra uma taxa, altíssima para seus sucessores do Idealismo Alemão; a taxa: "tolerância à frustração" (Sandler), abandono da pretensão de dominação, de docilização das coisas em si. Em todo caso, crítica, aqui, ainda deve ser concebida como separação, distinção, depuração; não mais entre o verdadeiro e o falso, mas entre o que se pode (legitimamente pretender conhecer) e o que não se deve (acriticamente esperar encontrar), entre a atitude teoricamente responsável e as crenças e ilusões produzidas quando do mal uso de nossa razão. Com esta segunda forma de crítica as asas logofílicas da filosofia serão gravemente podadas, dificultando a realização de seu desejo de vôos trans-oceânicos.

Uma terceira concepção de crítica, não a última, poderíamos encontrar em pensadores como Nietzsche, Marx e Freud. Crítica como "jogo" entre fundo e superfície: genealogia, crítica do fetichismo e análise, distintas instâncias de diagnóstico crítico do mal-estar. Parece-me evidente que os pensadores citados divergem em pontos fundamentais. O estatuto teórico, os objetivos e interesses de suas obras se distanciam enormemente, o que já foi reconhecido por uma legião de comentadores e intérpretes. Entretanto, o que nos interessa aqui é o fato de que para os três, penso, crítica tem a ver ainda com um certo tipo de desmascaramento, de remissão do manifesto ao latente, do epifenômeno às suas gêneses. São, de maneiras diferentes, três intérpretes da modernidade, da civilização, da sociedade conforme a estruturamos. Críticos da modernidade, suspeitam profundamente da tendência epistemologizante expressa na fixação da filosofia moderna no sujeito de conhecimento, com seu intelecto e consciência contrapostos a um conjunto de objetos, realística ou idealisticamente concebidos, pouco importa. Desconfiam, igualmente, das pretensões da filosofia, tomadas por eles como descabidas, dogmáticas ou suspeitas em mais alto grau.

Mostrar o "fundo" amoral da moral, o "fundo" socialmente mundano da divina mercadoria e o "fundo" pulsional da consciência significa colocar-se como tarefa a realização de uma interpretação "infinita", desmitificadora e desmistificadora. Seja como for, o que nos interessa é que o modelo de crítica operante na genealogia, na crítica do fetichismo e na análise permanece tributário de uma noção de crítica em que importa distinguir, "separar", "disjuntar". Não mais, novamente, o verdadeiro do falso ou o que se pode do que (não)se deve, mas a vontade de poder de suas manifestações, a lógica do modo de produção capitalista (do valor) de suas mercadorias e o inconsciente de suas apreensões conscientes.

Para os três pensadores parece haver algo (valor, lógica/história, pulsão) a ser explicitado, desvelado. Desmascaramento que exige um envolvimento, um compromisso daquele que "adere" a

tal projeto; abre igualmente a possibilidade de vivência de diferentes tipos de sofrimento. Tanto a genealogia quanto a crítica do fetichismo e a análise implicam como que um: "eu não sabia, mas agora que sei, modificarei minha atitude". Elas demandam uma mudança não apenas de perspectiva, mas de comportamento, de ação, de atitude. Nisto residiria um dos efeitos positivos e potentes da crítica: ela teria o potencial de modificação das mentalidades mas, igualmente, das ações; espera-se dela um efeito pragmático capaz de, no limite, promover uma revolução no sujeito, em grupos de indivíduos ou mesmo na sociedade e na civilização como um todo. Espera-se que se aja diferentemente quando da "adesão" à genealogia, à crítica da economia política ou à interpretação analítica.

O desmascaramento funcionaria mais ou menos como uma espécie de crítica da hipocrisia, da ideologia, das ilusões. Como se esta última fosse uma forma multifacetada e polivalente de mascaramento que, por sua vez, poder-se-ia começar a "romper" ou "rasgar" com Nietzsche, Marx e Freud sem que, com isso, se descubra ou se acesse alguma verdade última, princípio originário ou realidade metafísica. É como se a pergunta "o que fazer?" fizesse menos sentido para o genealogista, o marxista ou o freudiano, a menos que se considere a pergunta do ponto de vista tático, estratégico, metodológico, etc.

Herdeiros, cada um a seu modo, da filosofia kantiana, porém muito mais cômicos e preocupados com o potencial disruptivo da razão, eles perceberam com perspicácia quase profética o risco misológico que desde sempre rondou a filosofia compreendida como logofilia. Como críticos e filhos do Iluminismo e do Esclarecimento sabiam que a loucura, como dobra da razão, dorme e sonha no "dorso de um tigre"; que o ódio à razão nasce e cresce, mesmo que um pouco à sombra, de seu irmão, o "amor" (filia, eros, ágape, etc) à razão.

Os frankfurtianos, na estrada aberta por Hegel, mostraram-nos, com a ajuda de duas guerras mundiais e a produção de uma Indústria de Extermínio sem precedentes, que a filosofia, somente quando se aceita o risco da emergência e atuação de fascismos e totalitarismos pode ser reduzida à sua dimensão logofílica.

O problema começa quando essa separação, ou aquilo que a sustenta, quer dizer, aquilo que a preocupa e interessa, deflaciona e deixa de fazer efeito. Nossa inquietação começa, quando, no Iluminismo, a máscara deixa de ser um problema e a hipocrisia uma de suas soluções possíveis.

A logofilia e a misologia têm expressado e refletido, dentre outras coisas, dois desejos da filosofia, ou duas formas diferentes de relação da filosofia com o desejo. Quer como nostalgia ou esperança, gêmeas irmanadas na carência, quer como absurdo ou potência, a tarefa da filosofia, em

ambos os casos, é sempre concebida como necessidade de solução de contradições, no caso mais grave, de paradoxos e aporias, no caso mais leve. Escolher um dos polos, sintetizá-los, colocá-los em movimento por meio dos mais variados dispositivos, suspendê-los - temporariamente ou não - foram algumas das mais famosas tentativas de enfrentamento daquela tarefa. Todo esse conjunto de procedimentos tem sua importância creditada não apenas às dimensões teóricas do pensamento, mas sobretudo ao fato de que a logofilia foi concebida, desde o começo, como possibilidade prática de sedimentação de laços sociais, de vínculos intersubjetivos e institucionais julgados necessários a uma excelência na organização da vida comunal dos cidadãos. A misologia não foi concebida, fundamentalmente, como ódio à razão, mas como culto à desordem, ao caos, à desmedida, ao desequilíbrio ou seja, à desproporção, à injustiça, à feiúra e à embriaguês; como ódio à política, ao comum, à humanidade; em uma palavra: como uma forma de misantropia, sua irmã, conforme Platão (*Fedon*), posteriormente acompanhado por Kant (*Fundamentação da metafísica dos costumes*) e Hegel (*Enciclopédia*). Em ambos os casos, parece-me, o teatro "grego", com suas máscaras, bem como a matemática "grega", com sua fixação nos duplos parecem ter sido utilizados na constituição do modelo que usamos para compreender o estatuto, interesse, função do que passamos a chamar de filosofia.

Bem, esqueceram de combinar com os cínicos; para não dizer que não falei dos céticos. Deixemos Diógenes dormir sossegado em seus barris e façamos de conta que o cinismo desapareceu do horizonte medieval por incompetência, preguiça ou inanição vampiresca; teria faltado-lhe sangue. Eis, então, que o recalcado bate à porta, maltrapilho, faminto e obscuro, justamente numa época de pompa cortês, nobres excessos gastronômicos e intelectos luminosos. Retorno ainda mais indesejado e incômodo porque presunçosamente indiferente às máscaras, pouco inclinado à hipocrisia, mas munido com uma ironia quase insuportável e com um piscar de olho e o esgar orgulhoso que lembrou, inicialmente, a Hegel, aqueles que ele menosprezou e diminuiu em suas *Preleções sobre história da filosofia*: os cínicos. Falo, claro, de Diderot, melhor, do sobrinho de Rameau. Este, inaugura aquilo que, penso, tornou-se lugar comum: a implosão indiferente da própria distinção entre logofilia e misologia. Hoje, o ódio à razão caiu apaixonado; o amor à razão ou envelheceu ou comemora, tranquila e flatulentamente, bodas de baobá. Como fazer a crítica? Como, sequer, concebê-la? O que ela pode? Como proceder para que ela volte a fazer efeito? Problema que se apresenta de forma incontornável até mesmo no olho do furacão, no centro do império (Chomsky, Y. Mounk, J. Stanley, S. Levitsky, D. Ziblatt, M. Kakutani).

De "eu não sabia, mas agora que sei modificarei minha atitude" começamos a sentir e viver

as potencialidades e consequências do "eu sei, mas continuo me comportando como se não soubesse". O cínico, assim como o hipócrita, usa e abusa de máscaras mas, diferentemente deste, não parece ter muito apego a elas, nem dedicar muito empenho em escondê-las, lapidá-las e/ou fazê-las reluzir. Não se coloca ou se concebe como um asceta ou um artista. Esteticamente mais pragmático e economicamente mais oportunista faz das máscaras um uso, por assim dizer, perverso. Sem zelo camaleônico em dissimulá-las ou escamoteá-las, o cínico as assume como tal, ou seja, exige que se lhe reconheça enquanto máscara(s) e, assim, que se espere delas nada mais, mas igualmente nada menos, que aquilo que elas podem lhe dar.

Não se trata de eliminar ou propor uma saída para o jogo interminável de véus, mas de realizar, de vivenciar os conflitos, contradições, paradoxos, aporias e antinomias que deram ensejo à própria criação das máscaras de uma outra maneira, ironicamente, isto é, tomando as contradições, paradoxos, etc, como já solucionados, no momento mesmo e enquanto e porque postos. Fim da demanda de solução das contradições, paradoxos e aporias; uma vez postas, uma vez resolvidas.

O cinismo mantém juntos os polos contraditórios, paradoxais, etc; nele, as dimensões sintático-semânticas da linguagem remetem, mais intensa e estrategicamente, à pragmática, onde o sentido se constrói num vai-e-vem, meio lúdico meio sério, entre o enunciado, a enunciação e uma cornucópia de expressões corporais em que um caleidoscópio de possibilidades de interpretações é aberto, bem como exigido que se mantenham, equipolentemente, as pretensões de significação, avaliação e validade. Aqui, numa determinada situação, piscar um olho de uma determinada maneira, num certo ritmo, com uma certa torção do lábio inferior esquerdo, emitindo um certo som metálico semelhante a um assobio....pode ser fundamental na formação da posição do cínico, daquele para quem tudo parece contar e, assim, nem eliminação nem multiplicação dos espelhos, mas quebra, ruptura dos espelhos, mantendo juntos os estilhaços (Foucault).

As máscaras, mais do que operar especularmente, mantêm abertas as possibilidades racionais de reconhecimento. Um espelho - ou vários - aqueta ou não aquele(a) que nele se mira, em que nele e por ele se apresenta. Isso se dá porque nele se pode se reconhecer, reconhecer-se, forma-se nele e através dele uma imagem, uma representação. Quebre-se o espelho, mas mantenha-se unidos os estilhaços. Ainda teremos imagens, mas agora nelas já não nos reconhecemos, pois as mesmas não representam nada, mas criam monstros, criam incontáveis e ilimitados monstros em que devimos outros.

Os cínicos, como espelhos quebrados, operam com imagens, mas estas já não são formadas

visando um reconhecimento possível, a partir de identidades que se reforçam mediante este mesmo reconhecimento. As imagens criadas pelo espelho quebrado do cinismo inviabilizam o reconhecimento porque o que nelas se apresenta já não representa nada, não resolve e não soluciona nada, portanto não aquieta quase ninguém. Seja como for, seria preciso um longo desvio pelas filosofias da diferença para apontar para a potência dessa criação de imagens-monstro através da diferença, bem como para mostrar, minimamente, como a impossibilidade de reconhecimento, devido à ausência de representatividade do indivíduo idêntico a si mesmo, exige uma mudança na concepção de razão como lastro da sociabilidade.

O que pretendo entretanto é apontar para uma suspeita, de resto já referida por vários autores desde o pós segunda guerra; a suspeita de que o modelo mesmo de crítica que herdamos de Nietzsche, Marx e Freud parece patinar, fazer pouco efeito a partir do final do século passado. Seja porque o diagnóstico nietzscheano de que caminhávamos a passos largos para o niilismo; seja porque, via *Grundrisse*, quando o trabalho morto tragar o vivo e este deixar de produzir riqueza suficiente, o capital promoverá como que sua auto-dissolução; seja porque terminaremos transitando da neurose à perversão como instância básica de socialização, enfim, por um ou todos estes motivos deveríamos ter boas razões para esperar que uma sensata percepção do problema nos levaria a crer ser possível desmascarar as patologias envolvidas no processo e, minimamente, agir de forma eficaz. Estes três pensadores, penso, esperaram que suas obras contribuissem para a formação da crítica e, com esta, pudéssemos transvalorar e transformar a nós mesmos e o nosso mundo, tanto social quanto físico. Isso, simplesmente, não parece ter sido o caso.

Quando o desmascaramento, a desmitificação e a denúncia deixam de funcionar como motor da crítica (Safatle), então genealogia, crítica do fetichismo e interpretação analítica perdem potência e deixam de fazer efeito. Quando, diante das contradições e disfunções do dito sistema já não nos empenhamos, mediante a crítica, em sua resolução ou superação, mas passamos a gozar com tais patologias, então a norma e sua infração co-incidem, restando a exigência de mais gozo na junção e identificação do que disjunge e difere (Deleuze-Guattari). Nesta situação, a crítica já não mais pode ser concebida como uma questão de distância correta (Benjamin), já não devemos esperar eficácia de nossa logofilia, como tampouco se trata de uma irrupção abrupta ou retorno violento da misologia. A própria distinção entre ambas, primeiramente posta por Platão (Fedon), parece evanescer. A crítica, neste cenário, pode pouco, uma vez que a ironia e o cinismo transam bem com a indeterminação e a polarização, pois não põem para si a exigência de síntese, solução ou superação dos antagonismos, mas requerem que se os vivencie co-juntamente e, mais ainda, que se

tome tudo isso como motivo de festa, diria mesmo, de celebração.

Esta epidemia de excesso em que vivemos exige a imolação e o sacrifício diário de milhares de pessoas, para as quais, simplesmente, evaporaram as próprias possibilidades de sentido/valor (Nietzsche), de trabalho (Marx), de sublimação (Freud). A crítica genealógica dos valores, da economia política ou libidinal parece ter encontrado seus limites lógico-pragmáticos. A situação se apresenta ainda mais grave se imaginarmos este processo não apenas como mais uma etapa ou um desdobramento histórico da relação entre logofilia e misologia, mas como fim de um mundo (Menegat, Kurz), de um mundo em que sentido e valor se constituíam de uma maneira que já não pode ser nem totalmente dada como morta nem ressuscitada verdadeiramente.

Que alcance teria hoje uma crítica nos moldes propostos pelos autores citados? Bem, ela continua a ser feita, sobretudo nas academias. Que efeito ela produz? Com ela se pode obter certificados, diplomas, prestígio, consolo....seja como for, nas ruas, assim me parece, ela tem chegado ou muito tarde ou pouco importa. Devemos, simplesmente, contemplá-la como uma peça fulgurante de museu? Penso que não, afinal essa não é a única forma de relação possível com os mortos. Existem experiências que vêm se tornando modelares como forma de manutenção efetiva da vida, da sobrevivência mesmo, bem como da construção de sentido e valor. O modo MST de organização, por exemplo, transcendeu seu emprego no campo e estradas aportando às grandes cidades, via MTST, por exemplo; as comunidades indígenas do Brasil e da Bolívia, os quilombolas, os zapatistas, as mães da Praça de Maio e os piqueteiros argentinos são formas comunais de organização e atuação que já não se fundam nem esperam da crítica dos valores, do inconsciente ou do modo capitalista de produção uma saída para suas vidas, pois sabem que ou não há nada a esperar ou morrem, literalmente, antes que algo advenha disso.

Como pode "o povo da mercadoria", igualmente surdo a uma "crítica xamânica da economia política da natureza"(Kopenawa, Albert), enfrentar os desafios que se colocam neste fechamento de ciclo histórico em que parecemos viver? Que expectativa a crítica tradicional justificaria, quando já nos damos por satisfeitos com o simples fato de ter um emprego e chegar vivo em casa? O problema é que o número dos que vivem sem sentido, sem valor, sem trabalho e sem moradia em breve superará, se já não o tiver feito, o número daqueles que esperam permanecer empregados e com residência. As formas tradicionais de resolução e superação deste problema fracassam, sistematicamente, desde a década de 70, para alguns, desde os anos 1990, para outros (Menegat, Arantes).

Seja como for, o cinismo parece se apresentar como saída misológica desesperada - uma

espécie de último recurso da moda - àqueles que, bem ou mal, ainda conseguem se sustentar no e do sistema, como corajosos malabaristas sem rede de proteção (social, inclusive).

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Th. W; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ARANTES, P. **O novo tempo do mundo**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARENDT, H. **A vida do espírito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- _____. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia de Bolso. 2018.
- BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. In.: Obras escolhidas II. São Paulo: E. Brasiliense, 2000.
- CHOMSKY, N. **Quem manda no mundo?** São Paulo: Planeta, 2017.
- DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2006.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DIDEROT, D. **O sobrinho de Rameau**. In.: Os pensadores. São Paulo: Abril, 1973.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Cia da Letras, 2018.
- _____. **O futuro de uma ilusão**. São Paulo. Cia das Letras, 2018.
- HEGEL, G.W.F. **Phänomenologie des Geistes**. Werke 3. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie I**. Werke 18. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.
- HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2003.
- KAKUTANI, M. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- KANT, I. **Kritik der reinen Vernunft I**. Werke III. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- _____. **Grundlegung zur Metaphysik der Sitten**. Werke VII. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- KURZ, R. **Dinheiro sem valor**. Lisboa: Antígona, 2014.
- LEVITSKY, S; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MARX, K. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- _____. **O capital**, Livro I, vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. **O capital**, Livro III. São Paulo, Boitempo, 2017.
- MENEGAT, M. **A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe**. Rio de Janeiro: Consequência,

2019.

MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

PLATÃO. **Fedón**. In.: Obras completas. Madrid: Aguilar, 1990.

_____. **Defensa de Sócrates**. In.: Obras completas. Madrid: Aguilar, 1990.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SANDLER, P. C. **A apreensão da realidade psíquica**. Vol.3. As origens da psicanálise na obra de Kant. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**. Porto Alegre: LPM, 2019.

VAIHINGER, H. **A filosofia do como se**. Chapecó: Argos, 2011.